

## ENTREVISTA

### Erick Felinto de Oliveira

(Doutor em Letras, Autor, Pesquisador, Professor,  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro)

#### Sobre o entrevistado

Possui graduação em Comunicação Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (1990), Mestrado em Comunicação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1993), Especialização (ABD) pela Universidade da Califórnia, Los Angeles em Línguas e Literaturas Românicas (1997) e doutorado em Letras pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (1998), além de ter realizado estágio de Pós-Doutoramento Sênior (CAPES) na Universität der Künste Berlin (UdK) sobre Teorias da Mídia alemães (2010-2011).

É autor dos livros "A Religião das Máquinas: Ensaio sobre o Imaginário da Cibercultura" (Sulina, 2005), "Passeando no Labirinto: Textos sobre as Tecnologias e Materialidades da Comunicação" (EDIPUCRS, 2006), "Silêncio de Deus, Silêncio dos Homens: Babel e a Sobrevivência do Sagrado na Literatura Moderna" (Sulina, 2008), "A Imagem Espectral: Comunicação, Cinema e Fantasmagoria Tecnológica" (Ateliê Editorial, 2008), "Avatar: o Futuro do Cinema e a Ecologia das Imagens Digitais" (com Ivana Bentes: Sulina, 2010) e "O Explorador de Abismos: Vilém Flusser e o Pós-Humanismo" (com Lúcia Santaella: Paulus, 2012).

Atualmente é pesquisador do CNPq e Professor Titular da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, onde coordena e leciona no Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social. Também é professor colaborador do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Literatura da UFF e Diretor Editorial Adjunto da Intercom.

Tem experiência nas áreas de Comunicação e Letras, com ênfase em Teoria da Comunicação, atuando principalmente nos seguintes temas: Cibercultura, Epistemologia da Comunicação, Imaginário, Estudos de Cinema e Teoria Literária.

ORCID: 0000-0003-2613-5774

Lattes: 2018614878087334

E-mail: erickfelinto@gmail.com

**1. Os movimentos de extrema direita que emergiram no Sul e Norte Global são marcados por diferenças significativas. Mas há particularidades e nuances de ambas as experiências. Quais são as semelhanças e diferenças?**

**Erick Felinto de Oliveira** – Naturalmente, esses movimentos políticos têm marcas locais específicas ligadas às diferentes culturas e sociedades, como não poderia deixar de ser. Por exemplo, importa lembrar o passado ditatorial que vários países latino-americanos possuem, e que contribui para um certo imaginário “saudosista”, percebendo os períodos autoritários como momentos dourados, onde não existia corrupção e o país avançava economicamente com ordem. Isso é muito claro no caso brasileiro. Além disso, as formas de manifestação de elementos como xenofobia e racismo têm expressões diferentes em países como o Brasil que, antes, viviam sob o mito de certa harmonia racial (uma história bastante diferente da dos Estados Unidos, por exemplo). Entretanto, eu diria que as semelhanças são muito mais importantes que as diferenças. Em muitos sentidos, o Norte Global tem servido como “modelo” para o desenvolvimento dos temas e das agendas da extrema direita nos países do Sul. Por exemplo, pode-se notar que a insistência em temas como “homeschooling” ou a defesa do direito de portar armas é relativamente nova nesses países, tendo sido “importadas” de agendas estrangeiras.

## 2. Qual é o marco ou os marcos determinantes do surgimento das direitas radicais?

**EFO** – Existem vários, e mencionar a todos neste espaço seria inviável. Entretanto, um aspecto que merece destaque, creio, é a maciça utilização de ferramentas de comunicação digitais por parte desses movimentos. Esse é um traço que criou certa perplexidade em pesquisadores, já que as expectativas passadas sobre a emergência das tecnologias digitais era a de maior promoção de forças democráticas, o surgimento de uma “ágora” digital equalitária na qual as pessoas teriam muito mais liberdade de expressar-se e facilidade de acesso ao conhecimento. O que se verificou, todavia, é que extrema direita soube utilizar tais ferramentas de forma estratégica e articulada, promovendo agendas que passam ao largo das mídias tradicionais, como a defesa da xenofobia e de uma visão de mundo religiosa e anticientífica, da perseguição às minorias e do autoritarismo. Além disso, outro traço importante e curioso, apontado por pesquisadores como Benjamin Teitelbaum, é a aliança dos movimentos com as ideias do chamado “tradicionalismo”, uma corrente de pensamento esotérico na qual se passa a acreditar em uma missão espiritual que exige a completa reforma dos modos de vida típicos das sociedades pós-industriais e secularizadas, com o retorno a um passado fantasioso de pureza (racial e sexual) e centralidade da dimensão religiosa da vida.

## 3. Há ou não há compartilhamentos de estratégias, estilos e Discursos entre os líderes de extrema direita?

**EFO** – Sem dúvida alguma. Em uma época de profunda globalização, as trocas de ideias e experiências entre os políticos da extrema direita não poderia deixar de ter importância central. A comparação de estilos e estratégias discursivas de personagens como Jair Bolsonaro e Donald Trump, por exemplo, revela uma série de similaridades, expressa principalmente na forma como os dois fizeram uso de uma forma de governabilidade

“midiática”. Ou seja, além de compartilhar valores e agendas (armamentismo, xenofobia, combate aos direitos de minorias etc), Bolsonaro e Trump usaram meios digitais como Twitter, Youtube e outros para dialogar com seus públicos e propagandear seus projetos de governo.

## 4. Afinal, qual a expressão mais correta e adequada para definir esse movimento: populismo reacionário? Fascismo pós-moderno? Neofascismo?

**EFO** – Não existe um consenso sólido entre os pesquisadores a respeito. Entretanto, o componente populista vem sendo apontado como importante elemento definidor por vários pesquisadores. Acho interessante a abordagem de Enzo Traverso, que define a experiência contemporânea com o termo “pós-fascismo”. Isso quer dizer que, mesmo mantendo importantes semelhanças com o período histórico fascista, a situação atual possui particularidades significativas, como, por exemplo, a ideia de uma “anti-política”. Para Traverso, o pós-fascismo não anseia reconstruir os impérios coloniais ou fomentar a guerra. Além disso, o fascismo histórico se propunha ser “revolucionário”, ao passo que sua manifestação presente faz uso de propostas tradicionais das sociedades neoliberais, muitas vezes, até, radicalizando-as: por exemplo, a noção de que os países funcionariam melhor se fossem dirigidos como empresas, com figuras equivalentes a CEOs (Chief Executive Officer) à sua frente.

**Entrevistadores:** José Renato Ferraz da Silveira e George Leonardo Seabra Coelho